
NOTA INFORMATIVA SOBRE O NUCFIRE, SEU LUGAR DE AÇÃO INSTITUCIONAL, PROJETOS E ATIVIDADES



Aderval Farias de LIMA¹

Em comparação aos mais de setenta anos de história da FAFIRE, o NUCFIRE tem uma curtíssima vida institucional. Foi fundado no final do mês, em julho de 2002, por iniciativa da Irmã Therezinha de Lima, então Diretora da FAFIRE. Com esse gesto solene, de um lado, ela fazia uma homenagem merecida ao trabalho que já vinha sendo realizado na comunidade acadêmica, desde o início do ano 2000, pelos Grupos de Dança (liderado pelo aluno da FAFIRE Antônio Ribamar - que fazia seus ensaios em espaços cedidos pelo Departamento de Letras) e de Teatro, que, nessa época, funcionava na Pastoral da FAFIRE, sob a orientação de Patrícia Cruz (também aluna de Letras da FAFIRE). Mas, pensando mais longe, de lado outro ela também pretendia criar um espaço de produção/fomento/difusão de projetos e atividades artístico-culturais que pudessem estabelecer um diálogo crítico com as várias formas de expressão da diversidade simbólica da condição humana, nos âmbitos de formação acadêmica promovidos pela FAFIRE, em sintonia com os princípios humanístico-cristãos que fundam a natureza confessional de sua proposta de Ensino Superior.

¹Professor de Filosofia da FAFIRE e gestor do Núcleo de Cultura da FAFIRE | NUCFIRE | E-mail: jaflima@gmail.com

No começo da trajetória de formação desses dois grupos, basicamente compostos por alunos(as) regulares da FAFIRE, não havia quase nenhum envolvimento com a dimensão técnica que exige a experimentação da linguagem artística. Eram, até então, para esses alunos(as), essencialmente, veículos de expressão espontânea de um desejo de comunicação humana por meio da arte no mundo acadêmico.

No caso específico do Grupo de Teatro, nenhum de seus membros tinha contato teórico com o universo das Artes Cênicas. Na verdade, o Grupo tinha encontros ordinários no auditório central da FAFIRE e funcionava como um meio de expressão/experimentação estético-teatral de temas ligados à formação acadêmica ou direcionados às atividades específicas da Pastoral. Por isso mesmo, não conheciam qualquer compromisso com o estudo elaborado das técnicas de transposição dramática e, menos ainda, certamente, com a vasta rede de conhecimentos teóricos que estão em sintonia fina com os fundamentos da expressão teatral propriamente dita. Mesmo assim, sem dúvida alguma, o grupo foi capaz de apresentar muitos espetáculos teatrais de rara beleza plástica, tal como o *Auto da Compadecida* (Ariano Suassuna). Por isso, na vasta esteira de suas formações, deixou marcas profundas na memória cultural da FAFIRE.

Lamentavelmente, no final do segundo semestre do ano 2000, os referidos grupos passaram por sérios problemas de organização interna e interromperam o curso de suas atividades.

No período seguinte, porém, remanescentes do grupo de teatro, sentindo a necessidade de seguir explorando e divulgando a arte no meio acadêmico, fundaram um novo Grupo de Teatro, no qual se integraram outros alunos e, dentre eles, o mais destacado de todos, Marcelo Leite (Psicologia).

No passo dessa circunstância, por este tempo, muitos dos ensaios e apresentações desse novo grupo foram realizados em lugares improvisados da FAFIRE. Algumas vezes, por exemplo, no seu auditório central; outras, na sala de dinâmica do Curso de Psicologia; outras vezes, ainda, nos corredores do Departamento de Letras. O primeiro trabalho desse grupo teatral nasceu justamente de uma iniciativa do aluno Marcelo Leite. Ele escreveu um texto teatral intitulado "Bionecrópsia", e apresentou a proposta de encená-lo no auditório Ir. Maria José Torres. Para isso, procurou a Direção da FAFIRE e requisitou o auxílio técnico para a montagem do espetáculo. No final da apresentação – de todo exitosa, como é sabido –, o novo grupo resolveu regularizar/oficializar sua presença na comunidade acadêmica. Contando com o apoio oportuno e decidido da Direção da FAFIRE, na pessoa da Ir. Maria Terezinha Lima, o grupo seguiu desenvolvendo seus trabalhos artísticos, ainda que de modo incipiente e sem nenhum conhecimento sistemático das técnicas específicas da linguagem teatral.

Posteriormente, de maneira espontânea, o grupo solicitou apoio pedagógico do Prof. Aderval Farias na produção de seus trabalhos teatrais posteriores. Com essa base de organização improvisada, o grupo seguiu se encontrando de acordo com os horários livres de seus participantes. Nesse compasso de funcionamento, fazia os seus ensaios,

preparava os textos dramáticos e aprontava os atores para os espetáculos (maquiagem, figurino, etc.) agendados e, por fim, avaliava a qualidade de suas atividades.

Nesta fase, de maneira impressionante, o grupo experimentou várias linguagens estéticas, ainda que dentro de uma estrutura de informalidade, marcadamente nascidas de uma ancoragem dramática que buscava ler a condição humana pela via do olhar existenciador² – (segundo Evaldo Coutinho, pela via do conhecimento, o existenciador é uma espécie de demiurgo da realidade³). Na linha desse registro, devemos apontar o sucesso da peça teatral *Do outro lado do muro: as cores do crepúsculo* – que buscava sensibilizar o público da comunidade acadêmica para o tema do sofrimento humano na realidade dos hospitais e hospícios. Daí, ao cabo de algumas apresentações nessa linha de experimentação estética, objetivou-se, para o referido Grupo, a necessidade de aumentar o nível de compromisso com o fazer-artístico e, com isso, apropriar-se criticamente do processo de criação dramática.

Foi nessa ocasião que o Grupo-em-trânsito também percebeu que era fundamental fazer uma mudança de inflexão na arquitetura e na gramática de sua estruturação organizativa. Claramente, essa mudança só poderia concretizar-se caso tivesse um maior respaldo institucional para sua presença na vida acadêmica. Com esse intuito, então, o grupo fez duas reivindicações básicas à Direção da FAFIRE: a) apoio de um profissional que pudesse orientá-lo técnica e pedagogicamente na realização de novos trabalhos; b) oferta de um espaço apropriado para que pudesse fazer suas reuniões e desenvolver suas atividades específicas.

A primeira reivindicação foi prontamente atendida pela Irmã Therezinha, convidando-nos (prof. Aderval Farias) para acompanhar o Grupo de Teatro. Recordamos que, no encontro em que o convite foi firmado, a irmã também externou a razão de atender àquele pedido: a oportunidade de ver, na FAFIRE, a arte cumprindo um papel de "força evangelizadora no trabalho de educação integral dos jovens"⁴. Essa deveria ser, segundo relatou, uma das tarefas missionárias da FAFIRE. Naquele encontro, ficou esclarecido

²Nesta etapa de meu trabalho estético-filosófico eu ainda dialogava com o pensamento do prof. Dr. Evaldo Coutinho, de UFPE (Cf. COUTINHO, Evaldo Bezerra. *A artisticidade do ser*. São Paulo: Perspectiva, 1987a. 289 p (Coleção Estudos 97).

³No introito de seu livro *A artisticidade do ser*, Evaldo Coutinho se refere assim à capacidade existenciadora que constitui a presença humana. "Por mais resistentes e perpetuáveis que sejam as coisas, elas se fatalizam à efêmera duração: a de minha vida consciente. Reportando-me à idade do universo, em vez de referir-me à sua cursividade autônoma, prefiro dizer que ele não possui idade própria, que encerra tantas idades quantas são as consciências que o patenteiam. O Ser tem a idade de quem existe. Assim, o meu repertório consiste em acumular dentro de si, e atendendo ao padrão humano, o universo de todas as idades. Por último, em derradeira instância, a idade do Ser se confunde com a minha idade. Sou o contemporâneo absoluto de todo o Ser, e em face dessa perspectiva me reconheço o existenciador de tudo que me registra a consciência" Cf. MONTEIRO, A. *Reflexões sobre a Matéria da Arte* (À margem da filosofia estética de Evaldo Coutinho). Disponível em: <<http://angelomonteiro.icons.com.br/node/292>>. Acesso em: 30 set. 2016.

⁴Certamente, a essa altura, ela tinha em mente as orientações pastorais da Igreja, emanadas do CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA - PARA UMA PASTORAL DA CULTURA. Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA - PARA UMA PASTORAL DA CULTURA. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/cultr/documents/rc_pc_cultr_doc_03061999_pastoral_po.html. Acesso em: 30 setembro 2016.

igualmente, que ainda não seria possível destinar um lugar exclusivo para realização dos encontros do grupo de teatro.

A partir dessa mudança, surpreendentemente, o grupo teve um vigoroso crescimento em suas atividades dentro e fora da comunidade acadêmica. Em face dessa nova realidade, observamos a necessidade de solicitar à Direção da FAFIRE uma sala adequada para a realização dos encontros de tematização e ensaios e, sobretudo, para preparar/guardar o material utilizado nos espetáculos teatrais. Esse pedido foi acatado pela Direção da FAFIRE. E assim, por algum tempo, o Grupo de Teatro passou a se encontrar numa sala cedida pelo Colégio São José.

A partir desse momento, de maneira mais ordenada, o Grupo passou a se reunir ordinariamente nos dias de sábado (manhã e tarde) e, extraordinariamente, em outros dias da semana, dependendo da pauta de trabalho e dos encargos dela advindos, como, por exemplo, mais empenho e esmero técnicos.

Entretanto, essa realidade transformou-se de maneira considerável quando, em julho de 2002, por iniciativa da Diretora da FAFIRE, Ir. Maria Therezinha de Lima, o Grupo de Teatro (ainda sob o nosso comando) teve atendida a sua segunda reivindicação: a oferta de um casarão reformado, localizado no terreno da Faculdade, para realizar seus trabalhos artísticos. Foi lá que nasceu, propriamente, o NUCFIRE.

Neste novo espaço, o NUCFIRE passou a desenvolver, regularmente, outras atividades artísticas, como: Dança Brasília, Capoeira, Oficinas de Artes Plásticas, Criação de Texto Teatral, etc. Além dessas atividades ordinariamente desenvolvidas no NUCFIRE, muitas outras se serviram do seu espaço físico para aflorar e crescer, entre elas, por exemplo, os grupos de estudo, formados por alunos e professores da FAFIRE.

Nesta fase, os novos grupos foram acompanhados por alunos voluntários e professores voluntários que possuíam competências técnico-pedagógicas para desenvolver trabalhos artístico-culturais. É o caso de recordar, por exemplo, do aluno-bolsista Antônio Ribamar, instrutor do Grupo de Dança Brasília, e do Mestre Beija-flor, que por algum tempo esteve, na condição de voluntário, à frente do Grupo de Capoeira.

Em seguida, numa fase de maior e melhor modulação institucional, entre os anos 2003 e 2005, o NUCFIRE passou por uma revisão pedagógica em seu modo de fazer o processo de formação da cidadania cultural dos seus alunos regulares (participantes de seus grupos permanentes, a saber, Dança Brasília, Capoeira, Teatro e Música). Dessa forma, foi possível trazer para o âmbito de ação do NUCFIRE, entre outros recortes de endereçamento programático, o perfilamento de projetos culturais que contemplassem, em suas raízes teórico-metodológicas, uma nova forma de pensar a relação dos destinatários da FAFIRE com o fenômeno cultural.

Nesse sentido, podemos citar três projetos culturais inovadores: o Calourada Cultural, voltado para a recepção dos alunos recém-chegados à comunidade acadêmica da FAFIRE; o Arte Cidadã, que leva às comunidades assistidas pela FAFIRE apresentações artísticas com o fito de contribuir no processo de conscientização cidadã dos seus

participantes diretos; o Ataque da Arte, que tem como objetivo a formação de público crítico dentro da comunidade acadêmica da FAFIRE, etc.

Por todas essas razões, o NUCFIRE, ao final de 2005, já se afirmava como uma presença institucional importante no esforço missionário da FAFIRE. Daí por diante, inclusive, consolidou-se a estrutura de serviço do NUCFIRE com a seguinte planta de atendimento: 01 (um) coordenador, 04 (quatro) alunos com bolsa integral e os instrutores (bolsistas integrais ou contratados) dos grupos permanentes. Esses alunos e instrutores eram selecionados pelo coordenador do NUCFIRE, com plena ciência e concordância da Direção da FAFIRE.

Por sua relevância, em nada pontual, assinalamos que só foi possível fundar no NUCFIRE essa estrutura de ordenação organizacional, sem dúvida alguma, graças à obsequiosa sensibilidade acadêmica da Irmã Maria Therezinha de Lima. Foi ela quem, atendendo a uma solicitação do Prof. Aderval Farias, aprovou a liberação de bolsas integrais para alunos que pretendiam desenvolver, de forma sistemática, estudos e trabalhos no âmbito artístico-cultural voltados para as comunidades acadêmica e local. Na realidade, foi essa ação que permitiu a esses alunos o desempenho de uma função reconhecidamente institucionalizada. Por força memorial, neste exato momento, cabe recordar os nomes dos bolsistas Marcelo Leite, Kleyton Pereira, Angelita Danielle Gouveia da Silva, Júlia Rocha e Simeão Britto, quer pela excelente contribuição que deram na construção da identidade institucional do NUCFIRE, quer pela extraordinária dedicação ao trabalho de divulgação da arte no meio acadêmico, até o final de seus respectivos cursos de Graduação e Pós-Graduação na FAFIRE.

Com isso, aos poucos, foi aumentando o número de alunos dos grupos permanentes (Grupos de Teatro, Dança, Música e Capoeira), ao mesmo tempo em que, direta ou indiretamente, ampliou-se a base de serviço do NUCFIRE, fazendo com o que o Cronograma de Atividades dos seus grupos integrasse um número cada vez maior de apresentações artísticas, quer atendendo aos convites feitos pelos vários Departamentos da FAFIRE, quer acolhendo o chamado de outras Instituições de Ensino Superior ou órgãos governamentais para participar de suas pautas de eventos culturais.

De fato, dentro desse novo quadro de ordenamento institucional, a partir de 2006, já era fundamental pensar o NUCFIRE como um espaço institucional de formação cultural e experimentação artística. Pensando nisso, precisamente, a Direção da FAFIRE entendeu que o NUCFIRE deveria dar um novo salto de qualidade e cuidar de sistematizar a composição das estruturas de mediação pedagógica que perpassava os processos de formação artística desenvolvidos em cada grupo permanente.

Do mesmo modo, entre os anos 2006 e 2008, o arcabouço teórico-metodológico que sustentava os balizamentos discursivos compostos pelos projetos e atividades até então realizados pelo NUCFIRE também tiveram de encontrar novos horizontes de intervenção técnica. Compreendemos, assim, que a FAFIRE assume concretamente a condição de instrumento privilegiado de criação e diálogo ético-antropológico de diferentes

espaços de educação num só lugar de educação para a vida, no desenvolvimento cultural, na formação profissional e na promoção do bem comum.

Desse novo direcionamento, aos poucos, nasceram não apenas alguns frutos intelectuais relevantes, tais como os projetos Encontros com a Contemporaneidade e Ciclope. Nasceu, sobretudo, uma nova consciência pedagógica.

Debaixo dessa nova consciência institucional, a Direção da FAFIRE contratou profissionais de reconhecida competência técnico-pedagógica específica para ensinar no NUCFIRE, tendo em vista melhorar ainda mais a qualidade da formação estético-artística oferecida aos seus alunos, bem como ofereceu melhores condições infraestruturais para a realização ideal de seus planos de trabalho.

Daí emergiu, outrossim, uma percepção mais refinada do diálogo multi-instrumental (o encontro de vários modos de dizer o sentido do fazer artístico na dança, no teatro, na música, nas artes plásticas, etc.) que devem ordenar os discursos competenciais que assentam a base de análise dos processos de criação, organização, divulgação, realização, avaliação e comunicação dos projetos culturais do NUCFIRE. Evidentemente, esse olhar pluricompetencial – nascido do diálogo de vários modos de endereçar o sentido do fazer estético e artístico – provocou uma sensível mudança nos parâmetros de consideração dos projetos e atividades vindouros.

Na passagem do ano de 2009, o NUCFIRE contava com 7 (sete) anos de vida. Nessa nova etapa de organização pedagógica, os projetos e atividades do NUCFIRE contavam com o apoio técnico-pedagógico das bolsistas Géssyka Pereira (desde 2008) à frente do grupo de Teatro; Marina Chagas (desde o primeiro semestre de 2009), acompanhando o Grupo de Dança, e André Luiz cuidando do atendimento ao público e trabalho de secretaria. Na mesma base, devemos salientar atribuição essencial dos referidos bolsistas: a participação integral no processo de elaboração, divulgação, execução, manutenção e avaliação de todos os projetos e atividades artístico-culturais realizados pelo NUCFIRE.

Devemos acrescentar que, nesta dinâmica, os projetos e as atividades desenvolvidos pelo NUCFIRE, até o ano de 2010, estiveram ligados institucionalmente à Diretoria Acadêmica de Graduação e Extensão (DAGE), sob a responsabilidade da Prof^a. Alba Marques, mas sempre funcionaram em parceria com a Pastoral e a Diretoria Adjunta de Extensão e Ação Comunitária (DAEAC).

Nesses anos todos, por força do empenho de professores, bolsistas, voluntários e da Direção, o NUCFIRE firmou-se como espaço institucional de conscientização da cidadania cultural dos destinatários da missão educativa da FAFIRE, de um lado, mediando a produção de um diálogo capaz de integrar a pesquisa/produção/promoção de projetos e atividades artístico-culturais e, de outro, possibilitando a elaboração de um conhecimento crítico dos vários aspectos intelectuais que articulam as dimensões discursivas fundacionais da formação acadêmica.

Seguindo essa trilha, quando completou oito 8 (oito) anos de vida, o NUCFIRE passou por uma fase de renovação, quer no seu perfilamento institucional, posto que estará

vinculado, agora, à Coordenadoria Geral de Extensão, sob a responsabilidade da Profa. Inez Fornari, quer no seu espaço de funcionamento físico – a partir de março do ano corrente (2011), ocupará as novas instalações, no 2º andar do Colégio de São José. No mesmo conjunto, também tivemos a mudança da equipe de trabalho. A aluna Aline Gomes assumiu o trabalho de secretaria e atendimento ao público (e permaneceu nesse posto até o fim de 2015); por sua vez, a ex-aluna e voluntária Alexandra Carvalho fundou e assumiu o Grupo de Dança Tribal; em seguida, o voluntário Danilo Dantti reabriu o Grupo de Dança do Ventre (pois, num curtíssimo espaço de tempo, esse grupo funcionou sob o comando da aluna do Curso de Letras Renata Campos); e o mestre Lourinho, aluno do Curso de Pedagogia, retomou o Grupo de Capoeira.

Contudo, em função de uma recomposição geral da planta de instalações da FAFIRE, o período de atividades do NUCFIRE no espaço cedido pelo Colégio São José foi muito breve. Por isso, no final de 2012, o NUCFIRE teve que encontrar outro endereço de funcionamento. Desta feita, junto ao espaço de funcionamento da antiga Coordenadoria de Extensão (térreo).

Neste novo espaço – e, contando, como sempre, com o apoio e animação irrestritos da Direção da FAFIRE, desde agora na pessoa da Irmã Maria das Graças Soares –, o NUCFIRE encontrou novamente as condições ideais de organização e realização de sua plataforma de serviços. Primeiro, porque o NUCFIRE se encontra bem mais próximo dos alunos(as) – e, com isso, atende a uma antiga reivindicação de muitos(as) deles(as). Segundo, porque pode ampliar o raio de atividades artístico-culturais, algumas delas, inclusive, sugeridas por nossos alunos, voluntários e bolsistas (por exemplo, oferecimento de “Oficinas de Artes Plásticas”, “Dança Tribal” e a volta do “Grupo de Música”), bem como, também, abertura programática para pensar na realização de antigos e novos projetos (“Festival da Canção”, “Festival do Teatro”, “Sempre aos Sábados”, entre outros). E terceiro, porque, agora, dispõe de um espaço melhor aparelhado: um auditório para realização de ensaios e apresentações de todos os grupos artísticos; uma sala de dança maior – o que facilitará o trabalho de enquadramento coreográfico de vários estilos de dança; uma sala de teatro mais adequada para elaboração de exercícios de sensibilização corporal e conscientização grupal; uma sala de coordenação para recepção dos alunos e visitantes.

No entanto, surpreendentemente, contrariando essa expectativa de êxito, na passagem do ano letivo de 2013, o NUCFIRE foi capaz de anunciar quase nenhuma notícia de alegria. Mesmo assistido pela consideração integral da parte da atual Direção da FAFIRE, não conseguimos evitar um decréscimo notável no número de atividades regulares. O que era para ser um momento de expansão, na verdade, tornou-se uma ocasião de luta pela manutenção do antigo calendário de suas atividades.

Diante deste quadro de realidade adverso, além do sentimento de fracasso, de todo óbvio, também aproveitamos para analisar as razões que nos levaram à situação de descontinuidade na oferta de seus serviços e na qualidade de suas atividades. No processo de revisão, descobrimos que isso se deu, numa parte, porque a equipe de instrutores e

alunos-bolsistas que sustentavam a dinâmica de funcionamento do NUCFIRE começou a desfazer-se nesse período – o que é muito natural, tendo em vista que alguns terminaram seus cursos ou encontraram um estágio, ou emprego, acarretando os afastamentos ou as consequentes inadequações de horários e agendas disponibilizados para o voluntariado. Mas também porque, noutra parte, de algum modo, tínhamos perdido a capacidade de comunicação ativa e direta com as comunidades acadêmica e local, desde já, marcadamente, modificada em sua conformação geracional, perfil de consumo, preferências artísticas, gostos estéticos, etc. Numa palavra, de fato, até o final do ano de 2014, não conseguimos encontrar uma forma de atender, satisfatoriamente, às demandas de trabalho emanado de vários setores da FAFIRE.

Mesmo assim, no começo desse ano letivo (2016), mais uma vez, retomamos com afinco as margens de nosso horizonte de ação. Aos poucos, e com empenho redobrado, retomando o trabalho com os Grupos de Teatro e Percussão (tendo à frente, respectivamente, os alunos do Curso de Pedagogia Flavio Renovatto e Lucas Mendes). Ao mesmo tempo, estamos na expectativa da seleção de um novo mestre de capoeira e de uma professora de dança popular. Queremos acreditar que os sinais se anunciam alvissareiros. Basta assinalarmos que, agora, no começo do corrente período letivo, tivemos uma ótima participação na comemoração dos 150 anos da Congregação de Santa Doroteia no Brasil. Decerto, em breve, teremos muito mais sinais de reanimação.

De qualquer modo, entre idas e vindas bem e malsucedidas, o NUCFIRE nunca estancou nos percalços em sua travessia histórica. Por isso, seguimos afirmando o lugar de sentido de sua presença institucional, quer, de um lado, no marco inaugural dos grandes desafios educativos que se abrem para a FAFIRE neste cenário conflitivo da sociedade atual, quer, de outro, na impulsão de um “necessário ânimo renovado” para dar mais força pedagógica ao que constitui o núcleo inspiracional da missão evangelizadora da FAFIRE no plano da Formação de Ensino Superior. Nessa trilha de realizações nucfirianas, de algum modo vitoriosa, sempre se fazem presentes os sinais esperançosos de novas contribuições na tarefa comum de construir a identidade da FAFIRE. Isso, certamente, segue sendo o espírito de sua continuidade no tempo e no espaço de pertencimento de sua presença vivamente sustentável no cotidiano do ser-FAFIRE. E assim, hoje, como no seu começo, segue servindo aos mesmos propósitos institucionais que o inauguraram. De resto, é o que realmente importa, ainda que o tempo-transeunte o torne uma dobra necessária daquela forma de memória que fica apenas no registro existencial afetivamente biográfico dos sujeitos-diretamente-participantes e, por isso mesmo, inevitavelmente fadada a se perder no passado sem meio instrumental de resguardo material possível.